



# TRAMAS DEMOCRÁTICAS PODCASTS

## Educação Popular em Movimento #1: Argentina e Chile

Pulso Latino

Argentina, Brasil y México

Para acessar os outros episódios apoiados pelo Goethe-Institut, acesse:

[goethe.de/tramas/podcasts](https://goethe.de/tramas/podcasts)

### TRANSCRIÇÃO DO EPISÓDIO

#### Vinheta do Pulso Latino

- **Voz de Fernanda Paixão** - *Bem-vindo a mais um episódio do Pulso Latino. Mas esse não é um episódio qualquer. Ele faz parte do Tramas Democráticas, um programa de intercâmbio do Goethe-Institut que busca ampliar o diálogo sobre inovações cívicas e democracia digital na América do Sul. Para conhecer os demais episódios de podcast apoiados, você pode visitar o link que está na descrição do episódio.*

#### Vinheta do Pulso Latino

- **Voz de Antônio Ferreira citando Paulo Freire** - *"Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? (...) O grande problema está em como poderão os*

*oprimidos, que "hospedam" o opressor em si, participar da elaboração, como seres duplos (...), da pedagogia de sua libertação. Somente na medida em que se descubram "hospedeiros" do opressor poderão contribuir para o compartilhamento da sua pedagogia libertadora. (...) Estamos convencidos, não por ouvir dizer, mas por nossa prática e pelas observações de outras práticas, das conseqüências positivas inegáveis de um esforço paciente – a paciência é também uma virtude revolucionária".* **Paulo Freire (composição Pedagogia do Oprimido + Comunicação ou extensão?)**

**- Voz de Joana Salém** - 36 milhões de adultos analfabetos. Em pleno século XXI, a América Latina continua carregando a marca pesada da exclusão educacional. E essa exclusão é uma peça chave de uma engrenagem bem maior.

Em junho de 2002, em uma cidade da periferia de Buenos Aires, uma enorme manifestação de rua do Movimento de Trabalhadores Desempregados foi fortemente reprimida. Dois jovens ativistas foram assassinados a tiros pela polícia: Darío Santillán, de 21 anos, e Maximiliano Kosteki, de 22. O país atravessava uma das piores crises de carestia e desemprego da sua história. A memória da sua luta inspirou o nome de outro movimento, a Frente Popular Darío Santillán.

**Voz de Elaine Amorim** - Em agosto de 2011, o estudante chileno Manuel Gutiérrez, de 16 anos, caminhava com seu irmão cadeirante por uma passarela na comuna de Macul, periferia de Santiago. Eles saíram para observar os protestos que mobilizaram milhões de estudantes chilenos em defesa da gratuidade na educação e contra os endividamentos. Manuel tomou um tiro no tórax, disparado por um carabiniero, e faleceu horas depois.

**Joana** - Em dezembro de 2019, em São Paulo, nove adolescentes foram assassinados de madrugada por uma ação policial que reprimiu um baile funk na favela de Paraisópolis. O Denys, de 16 anos, foi uma das vítimas. Ele era irmão de um ex-aluno e professor da Rede Emancipa de Educação Popular, um movimento social que defende a democratização das universidades no Brasil.

Essas três histórias parecem não ter relação nenhuma entre si. Mas têm. Nesses três países - Argentina, Chile, Brasil - o Estado tem um longo currículo de criminalização da periferia e assassinatos de jovens trabalhadores. Esses

mesmos Estados excluem as periferias de acessar sistemas educacionais públicos, gratuitos e de qualidade.

**Elaine** - Esses três países também compartilham histórias de lutas pelo direito à educação pública, gratuita e de qualidade para os trabalhadores e moradores das periferias. Nessa batalha, os movimentos de educação popular cumprem um papel especial, articulando a luta social por educação aos espaços de reprodução da vida. Inspirados por uma pedagogia emancipadora e pelo pensamento de Paulo Freire, a educação popular constrói pensamento crítico e os vínculos de solidariedade no cotidiano, ao mesmo tempo que propõe um horizonte de mudanças mais profundas. Afinal, como dizia Freire: “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”.

**Joana** - Pensando nessas conexões, o Pulso Latino conversou com três movimentos sociais de educação popular, que atuam com jovens, adultos e crianças das periferias urbanas da Argentina, do Chile e do Brasil. Na Argentina, conversamos com os **Bachilleratos Populares** organizados pela Frente Darío Santillán desde 2004. No Chile, com o movimento **La Otra Educación**, que organiza a experiência das Escuelas Libres desde 2013. E no Brasil, com cinco ativistas da **Rede Emancipa de Educação Popular**, que desde 2007 atua junto às juventudes das periferias na luta por uma universidade popular e democrática. Queríamos entender como a educação popular acontece em diferentes periferias sul-americanas e também como sua prática cotidiana se articula ao enfrentamento do conservadorismo e do autoritarismo.

**Elaine** - Pra contornar o problema da língua, o Pulso fez duas rodas: uma em espanhol e outra em português. Mas as conversas se estenderam mais que o planejado e renderam dois episódios. O primeiro, que vocês vão ouvir agora, é uma conversa com a Carolina Rossi, educadora dos Bachilleratos Populares em Buenos Aires; e com a chilena Scarlett Abarca, professora do La Otra Educación em Santiago.

**Joana** - A conversa brasileira, com ativistas da Rede Emancipa, ficou para o segundo episódio, que vocês poderão encontrar na sequência em todos os canais do Pulso Latino. Convidamos vocês a percorrer os dois episódios como uma microssérie e assim conhecer práticas de educação popular de três

movimentos, que têm em comum a pedagogia freiriana, a luta territorial e um horizonte de transformações mais profundas.

## **Música**

**Elaine** - A Frente Popular Darío Santillán e La Otra Educación são dois movimentos que têm em comum a atuação no campo da educação popular. Ao mesmo tempo, eles têm origens e trajetórias particulares, relacionadas inclusive com as lutas dos seus países. Para entender a história de cada movimento, a nossa conversa se iniciou com a Carolina Rossi nos contando como surgiu a Frente Popular Darío Santillán e o trabalho com os Bachilleratos Populares na Argentina.

**Voz de Carolina Rossi** - El Frente Popular Darío Santillán surge de MTD, que es el Movimiento de Trabajadores Desocupados. Por allá por el 2001, obviamente en la Argentina la crisis económica muy fuerte dejó a muchas personas sin trabajo, sin vivienda.

**- Áudio - Arquivo Jornal Nacional Crise 2001 na Argentina.**

**Carolina** - Una problemática social tremenda que decayó en esta explosión social, donde decidimos organizarnos y buscar otras formas. En los movimientos sociales fueron lo más importante para garantizar, no?, entre los compañeros, compañeras que se organizaban de los barrios, vecinos, vecinas, para garantizarse vivienda a partir de asentamientos y trabajo a partir de las cooperativas. Y educación también, porque sabían el ejemplo de Darío, de Máxi y de todos los compañeros que quienes en ese momento nos dejaron por las manos de la fuerza represiva.

**Áudio - Assassinato de Dario Santillán**

**Joana** - Como a gente comentou lá no começo, Darío Santillán e Maxi Kosteki foram assassinados pela polícia de Buenos Aires no dia 26 de junho de 2002. Eles também participavam do movimento de *piqueteros*, que autogeria cooperativas de trabalho. Depois ficou provado que as balas que mataram Darío e Máxi eram de chumbo e foram disparadas a menos de 10 metros de distância. Em 2005, seis policiais foram condenados a prisão pelo assassinato dos jovens e pelo encobrimento do crime. Pra quem quiser saber mais sobre essa história, procure o documentário “La crisis causó dos nuevas muertes”. A Frente Popular

Darío Santillán tem origem no Movimento de Fábricas Recuperadas e de Trabalhadores Desempregados. Desde 2004, desenvolve espaços de educação popular.

**Carolina** - Decían y decimos que la educación es lo más importante. Y la educación popular que de un pensamiento crítico y que sea liberadora para crear el cambio social. Y para crear un cambio y transformar la realidad que tenemos. Y eso era básico y arrancó con las asambleas de base, con talleres, bibliotecas populares. Hasta que decidimos armar nuestras propias escuelas. Y así surgen los primeros Bachilleratos Populares en la Ciudad de Buenos Aires. Después esto se va a replicar obviamente en todo el país. Estas experiencias son más de la ciudad. El territorio gigante. Surgen primero las fábricas recuperadas por sus propios trabajadores y nosotros vimos esas experiencias, las acoplamos y las llevamos adelante. Después nos organizamos para su reconocimiento por parte del Estado y ahora, después de tantos años de lucha, expedimos títulos, y los compañeros y las compañeras estudiantes pueden ir a sus trabajos o ir a lo que deseen estudiar con su título de secundaria, diciendo que egresaron de un Bachillerato Popular. Lo cual creo que hace 20 años, era imposible, no se hubiera pensado. La verdad es que la lucha fue importantísima en ese sentido y se logró y acá estamos con esos resultados y yendo por más, obviamente, porque el reconocimiento nunca termina.

**Joana** - O reconhecimento dos Bachirellatos Populares pelo Estado argentino, que a Carolina menciona, foi conquistado em 2011. Significa basicamente que os movimentos sociais e comunitários podem criar escolas autogestionadas para jovens e adultos, como um EJA, que certificam seus alunos com diplomas equivalentes ao ensino médio, reconhecidos pelo Ministério da Educação. É uma conquista da autonomia educacional dos movimentos populares, que traz também novos desafios, como por exemplo o risco de burocratização.

**Carolina** - El reconocimiento fue en el 2011, más o menos de muchas experiencias educativas de bachilleratos populares dentro de la Coordinadora de Bachillerato en Lucha. Hay otros bachilleratos que no están reconocidos y quieren reconocimiento y hay otros que quieren tomar la vía de lo comunitario, que está perfecto. Pero creemos esto, la idea de la organización y el diálogo. Somos una escuela pública también, pero diferente. Así que el que tomamos de la escuela pública, que no tomamos, que nos conviene, que no nos conviene,

etcétera, y que sea lineal con nuestro proyecto político-pedagógico feminista, anticapitalista y así.

**Joana** – A Frente Popular Darío Santillán afirma que seu horizonte estratégico é a construção de um “socialismo de longo prazo”, apostando em princípios anti-imperialistas e anticapitalistas. Eles se consideram tributários de diversas correntes políticas da esquerda, como o anarcossindicalismo, o marxismo, o peronismo de base, os movimentos autônomos, o cooperativismo e a teologia da libertação.

## **Música**

**Elaine** – Em seguida, perguntei à Scarlett Abarca sobre a história do movimento La Otra Educación e o surgimento das Escuelas Libres no Chile.

**Voz de Scarlett Abarca** - La Otra Educación es un movimiento que surgió oficialmente en el 2013, cuando decidimos articularnos como movimiento de educación popular. Sin embargo, las Escuelas Libres ya venían levantándose de los territorios de las comunas de la periferia de Santiago de Chile desde el 2011 aproximadamente, pero sin ningún trabajo inter -territorial. Por lo tanto, eran experiencias aisladas que sólo respondían a las necesidades de su entorno próximo. La Otra Educación como movimiento que se fue auto definiendo como político pedagógico, nace justamente por la necesidad de integrar, asociar y articular las diferentes experiencias en los territorios y así nutrir las formas de trabajo colectivo, conectar saberes, vivencia. Y con el gran objetivo de poder visibilizar mediante la reivindicación pública y colectiva, el protagonismo de las niñez e infancia en los procesos de transformación social.

**Joana** – “Protagonismo da niñez e infancia”. As Escuelas Libres do movimento La Otra Educación trabalham com crianças e adolescentes. São os pequenos *pobladores* do Chile, ou seja, moradores das *poblaciones*, as periferias. Uma das agendas do movimento é a crítica ao adultocentrismo e um olhar sobre as crianças como sujeitos políticos e sociais.

**Scarlett** - En términos bien concretos las Escuelas Libres son espacios territoriales, autónomos, donde todavía tenemos la aspiración de quizás avanzar algo a una experiencia similar a la que comentaba Carolina, de poder también ser reconocidos por el Estado como una alternativa real. Nuestras Escuelas funcionan los días sábados a través de talleres con algunos ejes temáticos que

trabaja diferentes temas como el feminismo, medio ambiente, la identidad barrial. Pero todavía estamos en disputa de poder afrontarnos a la educación formal y que nuestras experiencias o nuestras formas de trabajo pedagógico de la educación popular sean también reconocidas. Creo que apuntamos a eso como un gran sueño. Llevamos en esa construcción. Hemos también avanzado la estructuración de una orgánica que nos ha permitido estos últimos tres años disputar recursos estatales y autogestionar también talleres de auto formación en colaboración con otro espacio y movimiento. Incluso también incluir prácticas profesionales, promoviendo al menos de esa manera, la relevancia de la educación popular para la formación de futuros profesionales ligados al área humanista y las ciencias sociales. Pero eso más o menos ha sido como nuestra trayectoria de ir irrumpiendo, de ir visibilizando, ir disputando también a la escuela formal, que es la única reconocida por el Estado de Chile como algo válido. Y que justamente acá ha dejado en claro que no contempla todas las necesidades de los niños y las niñas y adolescentes de nuestro país, que está muy lejos de puede plantearse como una educación liberadora que reivindique también el protagonismo de la niñez y de las juventudes.

**Elaine** - A Carolina e a Scarlett também contaram sobre suas trajetórias pessoais de militância. Perguntei a elas como se tornaram professoras de educação popular.

**Carolina** – Mi encuentro con la educación popular fue desde lo académico, es decir, desde el estudio.

**Elaine** – Essa é a Carolina.

**Carolina** – Yo soy profesora de Lengua y Literatura. Estudié en una facultad terciaria que es para docentes, acá en la Ciudad de Buenos Aires, y ahí conocí las experiencias de educación popular. Mismo hice redes dentro de ese entorno y así conocí al Bachillerato y ahí conocí también la organización. Fuí desde lo intelectual, el análisis más desde lo teórico a la práctica. Y en el acto. Con muchos golpes, obviamente, porque no es lo mismo leerlo que llevarlo a la práctica. Siempre fue una formación permanente para mí. Y estoy muy agradecida porque es parte de todos mis entornos - la práctica de la educación popular y del poder popular.

**Música - Motin en la Sala**

**Elaine** – O caminho da Scarlett com a educação popular foi outro.

### **Áudio com crianças**

**Scarlett** - Si, sería un poco a la inversa. Mi experiencia está bastante permeada por el contexto político del 2006. A los 15 años aproximadamente, acá estaba en la “revolución pingüina”, que es un nombre con el que se han a los estudiantes de secundaria. Lo cual llevó a miles de estudiantes a movilizarse por la lucha por una educación gratuita y de calidad. Ahí comencé a cuestionarme el orden social y político de Chile y el mundo en general. Pero no es hasta mediados del 2011 cuando había entrado a estudiar Historia a la Universidad, que tuve vinculación con un espacio político un poco más articulado, que trascendía la manifestación y la lucha callejera y que cimentaban su trabajo en lo territorial, en las poblaciones. De donde también vengo yo. Por tanto, conectar es interesarme en la articulación de un proyecto popular de educación popular, basado en las experiencias de la cotidianidad fue para mí poder acercarme al mundo que conocía a través de la teoría. Primero tuve este acercamiento más práctico y luego indagar en este conocimiento más estudiado de la historia, de la realidad social, cultural. Y ahí tuve la oportunidad de ser partícipe de espacios que llamaban Escuelas Libres, donde pude observar las relaciones humanas desde una mirada colectiva y solidaria. Donde me interpeló harto que se planteaban las necesidades individuales, no por sobre la comunidad. Relaciones que se establecían en base al vínculo, a la confianza, el afecto y las condiciones de cambio y transformación. Yo creo que esa experiencia vino de esta forma a involucrarme activamente, interpelando mi propia individualidad. Es por eso que la educación popular se abre a mí así como una vía contextualizada de cambio, de empatía, de solidaridad, de creación colectiva y una vía de transformación política. Entonces tuve como esa experiencia un poco al revés que tuvo Carolina, pero que también en un momento se conectaron, se conectaron, se complementaron. Y ya nutrió mi cotidianidad, mis lazos personales, mis convicciones y motivaciones también.

**Elaine** - A Scarlett tinha comentado que, entre 2011 e 2013, as Escuelas Libres foram experiências isoladas, ou nas palavras dela, sem conexão “interterritorial”. Então eu perguntei pra ela em quais territórios atualmente o La Otra Educación trabalha e como são as crianças e adolescentes que se vinculam ao movimento.

**Scarlett** - Existen cinco escuelas libres que, como mencionaba, están en diferentes poblaciones de Santiago de Chile, que son la comuna de Maipú, está en Lo Espejo, que también es otra comuna, San Bernardo y Estación Central. Se dispersan las Escuelas Libres, los chicos y chicas con quienes nosotros compartimos esos espacios tienen un rango etario aproximado entre los 8 y los 17 años, aproximadamente 18. También es bien variado y tampoco establecemos la temática o las jornadas diferenciándolos por su edad, sino que también la idea es poder trabajar de manera simultánea los diferentes actividades o saberes. Y si, en algún momento, si bien esto se daba bien, en cada territorio había muy poco diálogo entre las metodologías de trabajo de las poblaciones. Acá en nuestro país, la educación popular se ha dado reivindicativamente desde la experiencia, más que incluso considerarla de dentro de la profesión docente. Por ejemplo, yo soy profesora y no existe en las mallas curriculares de la formación docente áreas que puedan acercarse o simplemente tengan un contenido de educación popular - como yo sé que si hay en otros países de Latinoamérica. Por lo tanto la necesidad de poder ir integrando esos saberes, conectarlos, de poder también dialogar, como decía anteriormente, se generó como una necesidad imperante y nos permitió poder articularnos y también poder articular no solo nuestras prácticas, sino que también nuestros discursos, lo cual también llevó al conocimiento de otras experiencias de educación popular que también tenían sus formas muy particulares de acuerdo a la propia experiencia del territorio. Nosotros hoy en día hemos intentado levantar un Frente de Educación Popular que ha costado bastante por esa poca tradición de articulación política que hay en Chile, realmente. Nosotros diagnosticamos como algunos de los resabios que dejó la dictadura militar. También con la revuelta social que partió el año 2019, se ha volcado a la gente un poco más a poder inmiscuirse en temas sociales, comunitarios y trabajar en torno a vínculos más solidarios. Ya sea de unidades vecinales, de espacios territoriales. O sea, hoy día acá la olla común que se llama compartir son comedores populares se han levantado y no se levantan desde la dictadura - estoy hablando de 1973, aproximadamente o de la década de los 80 acá en Chile.

**Joana** – *As ollas comunes*, ou panelões comunitários, são refeições gratuitas e solidárias compartilhadas nos bairros, que foram necessárias para atravessar o empobrecimento de muitas periferias chilenas durante a ditadura de Pinochet. Desde a revolta social de 2019, os chilenos reativaram práticas de solidariedade

comunitária e militância territorial, fazendo assembleias de bairros, chamadas "*cabildos abiertos*" e recuperando a prática das *ollas comunes*. Essas iniciativas mostram que a força do comunitário é um contraponto importante ao individualismo neoliberal, porque articula a luta política dos movimentos sociais ao trabalho reprodutivo, à solidariedade e à economia do cuidado.

**Scarlett** - Por lo tanto, ahí estaba intencionado con algunas otras escuelas populares, con algún comité también de niñez, con algunas organizaciones también feministas que trabajan en temas de infancia y niñez. También estableciendo redes y contacto con algunos compañeros y compañeras que se han dedicado más desde lo académico de lo teórico, para nutrir también nuestras prácticas y nuestra experiencia. Ya estamos en ese proceso de construcción, o de ir cimentando estas experiencias y dejar también evidencia de ello. Para finalmente poder recomponer el tejido social de las poblaciones, que son los principales espacios en que nosotras y nosotras nos encontramos y a través de la mirada de los niños y las niñas y los adolescentes y jóvenes que son parte de aquello.

**Elaine** - Perguntei para Carolina sobre a relação entre professores e os adultos trabalhadores, estudantes dos Bachilleratos. Quem são, de onde vem, como se vinculam?

**Carolina** - El movimiento que nos sostiene es en organización social, pero está sosteniendo a una instancia que es pública, con reivindicación de una pedagogía popular. Muchos de los compañeros y compañeras que sostenemos el Bachi también somos parte de la organización. Pero por otro lado, también hay docentes que vienen de otros lados y tienen otras experiencias. Así que es todo un rejunte muy interesante. Somos escuelas para adultos, así que estamos con jóvenes adultos. Una franja etaria muy grande a partir de los 18 hasta 70 años, tranquilamente. Tenemos escuelas en que las juventudes entre los 18 y 25 es más fuerte y en otras que hay población un poco más grande de los 50 para arriba.

### **Áudio com micro-relatos sobre os Bachilleratos.**

**Carolina** - Así que construir con tantas vivencias, tantas experiencias, tantas historias de vida. Sigue estando gente de muchos territorios y lugares. Son las redes que sostiene la organización, los espacios de crianza, juventud, las cooperativas de trabajo, los espacios de salud también, los comedores, digo, de

lo más elemental, hasta lo más importante - es lo que nos sostiene y nos hace. Pensamos que también estas escuelas son parte del territorio y construyen el territorio y analizan el territorio. Y justamente la nuestra organización está muy en el territorio. Más que nada en los sectores más populares, donde era necesaria escuelas ya que no había escuelas. Y nosotros dijimos: “bueno, si no hay, la construiremos”. La verdad es que siempre trabajamos con una población muy vulnerable que siempre le dije que “vos no podés”, no? Un poco el mensaje del capitalismo, para que siga funcionando de ese lugar. Y bueno, nuestro rol desde la educación popular transformadora es hacerlos agentes de cambio y que tomen un rol activo.

## **Música**

**Elaine** - A Scarlett também contou pra gente sobre a relação entre a pedagogia e ideologia. Como as pedagogias tradicionais se articulam ao neoliberalismo e como as pedagogias alternativas, da educação popular, constroem um chão histórico para novas sociedades possíveis. As Escuelas Libres criticam o neoliberalismo, na mesma medida que criticam o adultocentrismo, se vinculando às crianças como sujeitos históricos.

## **Áudio - Manifestação de rua**

**Scarlett** - Si, creo que una de las grandes motivaciones que nos llevaron también a conformarnos como movimiento de educación popular y a levantar también estas Escuelas Libres, tienen que ver con la crítica de la educación de mercado y neoliberal que está muy establecida acá en Chile. Es justamente desde esa crítica adultocentrista y comercializante de la “educación para la producción” es que nosotros generamos y construimos estos espacios con los niños y niñas y adolescentes en los territorios. Se levantan estas necesidades de estos sectores, de la necesidad de los espacios de reflexión y acción para la infancia y niñez. Esta educación no los reconoce como seres pensantes, sociales y políticos, lo cual lleva a que se le excluya de la vida social y de la comunidad. Por lo tanto, nuestra relación nace y parte de la crítica. Y entender cuál es la importancia de la educación para el desarrollo de la vida misma, de saberes contextualizados que les permita a los niños y niñas poder desarrollarse como individuos plenos, en libertad, con conciencia crítica, no sólo habilidades, sino también con valores.

## **Música**

**Scarlett** - Los niños y las niñas con los que trabajamos van a la escuela tradicional de lunes a viernes y el día sábado tenemos este espacio de la Escuela Libre, donde podemos trabajar a veces contenidos curriculares, como puede ser la matemática, la ciencia, la historia. Pero nosotros desde una mirada que conecte totalmente con el entorno, con la vida del espacio, con los vecinos, con las vecinas, trabajando en la autogestión. Dándole un protagonismo a la colectividad y no sólo a la tarea individual, que eso es también algo que hoy día también con la pandemia, ha dejado mucho más en evidencia. Ya también desconectado a los niños y las niñas de poder interactuar entre sí, castrando bastante su propio proceso de formación educativa.

**Elaine** - Nas suas práticas pedagógicas, esses movimentos buscam criar alternativas à educação neoliberal e individualista, como parte de uma disputa de valores coletivistas, comunitários e solidários. Mas as escolas públicas desses países também são espaços potenciais de luta e resistência. Será que tudo está dominado pela educação tradicional? Perguntei à Carolina qual é a relação entre seu movimento e a escola pública.

**Carolina** - Discutimos un montón con la escuela tradicional. Yo justamente trabajo en la escuela pública también, al mismo tiempo que construyo y soy parte del Bachillerato. Así que me encuentro con muchas contradicciones todo el tiempo. Yo creo que el lugar que más se pelea es el simbólico, el político, obviamente, y el pedagógico. Scarlett en un momento decía que costaba muchísimo que en las universidades en otro lado haya un espacio para reflexionar o hablar sobre este tema, un espacio institucionalizado, no?, que no sea comunitario, que no sea uno el que uno construye. La verdad que siempre lo que sabemos de educación popular es porque lo buscamos y construimos ese espacio. Por suerte en la Argentina hay un cambio. Se ve que es la alternativa. Que la escuela pública está insertando muchísimas herramientas. Estamos con el mismo público, las mismas personas, tenemos las mismas problemáticas sociales, culturales, intentamos unirnos de alguna manera, pero siempre rompiendo con esta forma bancaria, siempre con la idea de diálogo. No queremos quemar a la escuela tradicional porque está cambiando, porque nosotros la estamos empezando a habitar con nuestras experiencias y recorridos dentro del campo popular. Así que me parece que ese es el camino. No voy a decir que estamos en todos lados, que rompimos la barrera mediática, que somos la alternativa primera, pero estamos! Estamos en los barrios. Acá en

Argentina con los 90 y el 2000 era muy común y sigue siendo común la preferencia de la escuela privada antes que la pública. Está en el sentido común ese. Y bueno, todavía tenemos este bagaje que quedó de los noventa y principios del 2000 y sigue hasta ahora de que “lo bueno se paga”, no?

**Antônio lê trecho de Paulo Freire** - “Para a concepção bancária da educação, a consciência é esse recipiente que deve ser preenchido, é esse espaço vazio à espera (...) A educação bancária é um ato de depositar fatos e informações semi-mortas nos educandos. A estes nada mais resta que (...), arquivá-los, memorizá-los, para depois repeti-los. (...) A concepção ‘bancária’ nega a dialogicidade como essência da educação e se faz antidialógica (...). Mas não há humanidade fora da busca inquieta, fora da criação e da recriação. Fora do risco e da aventura de criar” **(Fragmentos de Paulo Freire)**

## **Música**

**Carolina** - Nuestras concepciones obviamente, bueno, de la educación popular, es la educación libertaria, transformadora y que tiene que crear pensamiento crítico, ¿no? Para una mirada transformadora del mundo, ¿no? Para ver otros mundos posibles, no el único que nos toca. Esta idea de que no existe lo natural y que lo puedo transformar organizándome colectivamente. Una educación dialógica, y respetuosa, respetuosa de todas las formas de identidad que no sea opresora. Eso es nuestra concepción primera, desde lo dialógico obviamente, la construcción en asambleas. Nos manejamos por asambleas, no hay directores, ni directoras. Es todo horizontal, las decisiones. Mismo las decisiones de convivencia o del día a día o importantes, se sentía de como nos organizamos, la llevamos adelante con los chicos y las chicas con los estudiantes, ¿no? Desde los programas, los contenidos, desde las prácticas, que vayan desde el feminismo, del medio ambiente, de que no haya racismo, más cuando hay un montón de identidades. Identidades tanto desde lo sexual-afectivo hasta territoriales y culturales. Es un desafío. Es un gran desafío porque también peleamos con un sentido común que va en contra de esos pensamientos. Tenemos estudiantes que vienen de todos lados y es un desafío. Pero lo queremos llevar adelante. Y desde la construcción, no desde la bajada de línea ni nada, ¿no? Esta experiencia es transformadora, no van a salir igual. Te hace ponerte otros lentes, te hace ver la realidad desde otro lugar, comprendiendo todas las luchas que hicieron a que llegáramos acá. Intentar compartir esas luchas, el sentido de la memoria, el

sentido de la justicia, del cambio y la justicia social. Desde un diálogo constructivo y positivo y crítico de la realidad.

**Elaine** - Uma característica da educação popular que articula pedagogia freiriana ao marxismo de Gramsci é a ideia de que se deve praticar agora as modalidades de relações sociais que se pretendem para as sociedades do futuro. Se um movimento tem um horizonte coletivista, solidário e anticapitalista, as relações que estabelece no seu interior devem corresponder a estes valores. Como os valores neoliberais são hegemônicos, isso gera uma constante luta cultural interna para forjar uma sociabilidade alternativa. A Scarlett contou sobre como esse desafio é encarado nas Escuelas Libres.

**Scarlett** - Partimos desde una horizontalidad y de diálogos constructivos y críticos. Y desde ahí van surgiendo como algunos conceptos pedagógicos. Uno de esos es el adultocentrismo.

**Elaine** - Aqui a Scarlett falou ADULTOCENTRISMO

**Scarlett** - ... que es la reivindicación de la valoración de las voces, de las y los niños y su protagonismo y el reconocimiento de ellos como seres sociales, políticos, con voluntad y opinión propia. Por lo general, cada Escuela genera un diagnóstico territorial que se construye en conjunto con los niños y los niños. Justamente reivindicando este anti adultocentrismo. Y ahí también trabajamos temáticas de equidad de género que están enmarcada dentro de una lucha feminista. No concebimos la equidad de género cómo se ha trabajado muchas veces en la escuela tradicional, sin esta visión crítica y política de lo que es la equidad de género. También porque creemos que debe ser feminista y también anticapitalista. Y eso también nos lleva a poder ampliar y considerar y abordar muchas otras realidades o identidades. Trabajamos la identidad barrial que persigue la construcción y la valoración de los relatos de memoria histórica en cada espacio, desde también la mirada de las y de los niños. Muchas veces la memoria histórica de los territorios se establece desde los relatos o las visiones de los adultos y adultas. Muy pocas veces, si uno revisa los libros de historia, se considera las voces de los niños y las niñas en estos relatos, que claramente, tienen mucho que decir, mucha experiencia también que aportar. Pero el hecho de que no sean plenamente reconocidos como seres sociales y políticos los excluye también de estos espacios. Desde ahí creemos que le hemos dado un poco fuerte a esto, a esta crítica al adultocentrismo, porque ya creemos que

reivindicar el protagonismo de las niñas y la infancia les permite también apropiarse, apropiarse también de los espacios. Muchas veces en las clases hay mucho temor de poder opinar, de poder expresarse. Entonces también contra esa educación bancaria de donde el profesor o la profesora se sitúa como quien va a entregar un conocimiento. Por el contrario, que también son como lo que plantea la educación popular es que se generen diálogos, que la experiencia o la educación no solamente la entregamos como adultos aportando a este proceso, sino que también nosotros, como adultos o adultas, nos nutrimos de la experiencia y las visiones de los niños y las niñas.

### **Áudio - Crianças contam sobre as Escolas Libres.**

**Scarlett** - ... Ahí creo que se articulan de muchas maneras entre la lucha feminista, el reconocimiento de las identidades, como comentaba la compañera, desde una visión que intercepta también todas estas otras realidades. Cada temática que se trabaja en cada Escuela Libre surge de las visiones de los niños y las niñas y también de los vecinos y vecinas. Entonces se da, como podríamos decir, un currículum bien particular por cada espacio, donde en un momento u otro van surgiendo todas estas luchas se van articulando. Porque si bien trabajamos con niños y niñas y adolescentes, también esos niños, niñas y adolescentes tienen padres y tienen madres que también han sufrido violencia, ya sea de género, de precariedad laboral, han tenido contacto o experiencia con disidencias también sexuales o la propia escuela. Ahí viene un poco como esta mezcla de luchas, de reivindicaciones que se van dando a medida que se va dialogando, de que se va experimentando, de que se va reconociendo, dentro de esta colectividad, la individualidad de cada una, de cada uno de los niños y las niñas que tenemos y de su contexto más próximo y de todos quienes nos rodean.

### **Áudio - Mães contam sobre as Escolas Libres.**

#### **Música**

**Elaine** - Pra terminar nossa conversa, perguntei às duas ativistas sobre o avanço do conservadorismo e a difusão das fake news entre os adultos e crianças das periferias em que trabalham. Como a educação popular trabalha no enfrentamento das várias formas de opressão e das fake news que disseminam esses valores?

**Carolina** - Yo creo que uno de nuestros desafíos es tomar estos los medios tecnológicos de nuestro lado. Justamente, yo creo que desde las escuelas populares no solo podemos construir desde el pensamiento crítico es decir que criticar estas formas. ¿Porque estos discursos son así? Tanto, interrogarlo como analizarlo. ¿Por qué existe? ¿Con qué razón? ¿Por qué se da un discurso tan violento? ¿No? Porque son discursos de odio, la mayoría del tiempo. O son noticias que van para ese lado. Que son inaceptables. Me encantaría que la gente lo vea así, pero no! Y mismos son discursos que tenemos en la cotidianidad, en nuestros espacios. Convivimos con personas que vienen de muchos lugares y que les llegan estos mensajes. Para mí lo mejor es desde una actitud crítica y de intentar crear alternativas, ¿no? Porque lenguaje es poder, es conocimiento, es comunicación, pero es poder. Y crear herramientas comunitarias de comunicación. En el Bachi lo intentamos, analizamos los medios alternativos y creamos. O darles el ejemplo de cómo se crea un medio, que ahora la verdad es que hay un montón de opciones. Ya no necesitas un lugar de radio. Ya con una aplicación, un buen micrófono y conexiones se puede hacer un podcast, se pueden hacer videos, ¿no? Hay un montón de alternativas y hay que apoderarse. Escribir ya las redes sociales es comunicar, no? Así que tenemos un montón de herramientas. Pero tiene que arrancar desde el análisis, ¿no? Desde el entender: "por qué pasan estas cosas? ¿Está bien, está mal?" Y después el crear alternativas. Es importantísimo para lo que es la lucha popular. Importantísimo, y es un desafío enorme que tiene que llevar adelante.

## **Música**

**Elaine** – No caso das Escolas Livres, a educação popular é uma ferramenta de luta e enfrentamento contra os conservadorismos, os valores neoliberais e o autoritarismo nos territórios das *poblaciones* de Santiago?

**Scarlett** - Creo que si consideramos que la educación popular es una vía de emancipación y de transformación, la respuesta es sí. Ya que permite a las personas desarrollar una capacidad reflexiva, tanto individual como colectiva. Yo creo que eso también nos posibilita observar de manera integral al mundo. Y todas estas realidades que los circunda. Pero no solamente desde la observación, sino que, como decía Carolina, desde la acción movilizadora. Y desde la educación popular, no nos construye solamente como espectadores, sino como protagonistas de los cambios que podemos considerar necesarios para la construcción de sociedades más democráticas e igualitarias. Y también,

sobre todo en estos tiempos, donde los vínculos se han virtualizado muy potentemente por el contexto claramente de la pandemia, que también nos ha llevado a distanciarnos no solo físicamente, sino también socialmente. Muchas veces desarticulando o individualizando. Creo también que, en este sentido, la educación popular juega un rol importante como catalizador social y como herramienta posibilitadora y creadora de pensamiento crítico. Y nos lleva a cuestionarnos y a preguntarnos, como: ¿Por qué pasa esto? ¿A qué fenómenos responde? Nosotros también podemos entregar alternativas y entregar visiones también a través de las redes y de los espacios de comunicación alternativos que también vamos construyendo a través de nuestro espacio. Yo creo que sí. Es una tarea constante. Es casi una tarea de justicia social, que debemos también asumir dentro de la práctica de la educación popular.

## **Música**

**Elaine** – Quero agradecer vocês por essa conversa sobre as experiências de educação popular, desenvolvidas por La Otra Educación e a Frente Popular Darío Santillán, que são fundamentais para a luta contra a exclusão educacional e para a construção de novas relações de ensino-aprendizagem.

**Scarlett** - Muchas gracias por la invitación y también por la conversación a Carolina.

**Carolina** - Sí, muchísimas gracias por la invitación. Justamente hablando de tomar los medios así. Bueno, esta es una gran oportunidad. Compartir las experiencias de Latinoamérica, comunicarlas e intentar hacer el mundo un poco mejor, para las próximas generaciones.

**Joana** - Para dar continuidade a esse mosaico de experiências da educação popular em periferias sul-americanas, não deixe de escutar o próximo episódio sobre a Rede Emancipa de Educação Popular, um movimento que atua em quase todos os estados do Brasil. E como são muitos Brasis, conversamos com ativistas de cinco periferias: em São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, Natal e São Luís do Maranhão. Cinco mulheres militantes brasileiras e cinco sotaques para completar nossa conversa. Esperamos o clique de vocês nos canais do Pulso.

SALUDOS LATINOS!